

SANTA MÔNICA. Condições das acomodações e dos serviços oferecidos aos pacientes foram vistoriadas

Conselho de Saúde fiscaliza maternidade

MADYSSON WESLEY
REPÓRTER

O choro dos bebês internados na Maternidade Escola Santa Mônica, no bairro do Poço, é abafado pelo barulho estridente da ferramenta que corta as barras de ferro utilizadas na cobertura do pátio da unidade hospitalar. O cheiro forte da tinta ainda fresca exala por algumas áreas do hospital. O entra e sai de material de construção e de mobiliário indica que as obras estão longe de terminar.

Oficialmente, a maternidade, referência para as gestantes de alto risco, retomou o atendimento ontem. Com apenas 30% da obra de reforma finalizada, membros do Conselho Estadual de Saúde realizaram uma vistoria, a fim de fiscalizar as condições das acomodações e dos serviços oferecidos aos pacientes.

Após a vistoria, o presidente do conselho, José Wilton da Silva, disse que ainda precisará se reunir com a Vigilância Sanitária e com os órgãos respon-

sáveis pela engenharia da obra para definir o posicionamento da entidade. "É claro que toda obra gera transtorno. Visitei os leitos, conversei com as pacientes e, apesar de elas reclamarem do cheiro forte da tinta e do barulho, percebi que os locais onde estão não apresentam problemas nem riscos à saúde", observou o conselheiro. Uma reunião ficou agendada para a próxima terça-feira (10), quando o conselho deve apresentar a situação ao Ministério Público Estadual (MPE).

A diretora responsável pela maternidade, médica Rita Lessa, afirmou que a decisão de reabrir as portas da Santa Mônica foi tomada em conjunto com o Colegiado de Maternidades. "Nós não seríamos irresponsáveis em transferir as mães e os bebês se não houvesse condições. Só estamos aqui porque as obras nestas áreas já foram concluídas. Estamos trazendo nosso mobiliário e reconduzindo os 713 funcionários que estavam trabalhando no Hospital Universitário", disse a

diretora.

Os recém-nascidos que estavam no Hospital Universitário Prof. Alberto Antunes (Hupaa) foram transferidos para a Santa Mônica, na última segunda-feira (2). De acordo com a direção da maternidade, estão funcionando 20 leitos de UTI neonatal (que já conta com 19 bebês), três de UTI materna, 34 de obstetrícia e mais cinco para enfermagem Canguru (todos ocupados). "Nós não vamos atender a nenhuma gestante de baixo ou médio risco. Aqui só serão recebidas as pacientes que chegarem encaminhadas pelo Complexo Regulador de Atendimento de Maceió (Cora)", avisou a diretora da unidade.

As gestantes de risco baixo ou moderado devem se dirigir até os seguintes locais: Nossa Senhora da Guia (Poço), Nossa Senhora de Fátima (Jaraguá), Denílma Bulhões (Benedito Bentes), Hospital do Açúcar (Farol) e Hospital Santo Antônio (Cambona).

Cirleide Braz de Souza,



Após inspeção, Conselho de Saúde se reunirá com a Vigilância Sanitária e com os órgãos de engenharia

35 anos, mora em Atalaia, cidade da região metropolitana de Maceió. Após peregrinar por três hospitais, ela chegou à Santa Mônica, na tentativa de fazer o procedimento de curetagem, para a retirada do feto que, segundo ela, estava morto há alguns dias.

"Fui primeiro no hospital de Atalaia, de lá me encaminharam para o HU,

depois para o Santo Antônio e agora estou aqui. Espero que consigam resolver minha situação. Já não aguento mais. O ser humano não é nada e nem respeito a gente tem", esbravejou, indignada. Depois de pouco mais de uma hora de espera, Cirleide foi encaminhada mais uma vez para a Casa Maternal Santo Antônio.

Durante este fim de semana, a maternidade do Hospital Universitário não receberá novas pacientes de alto risco. O local vai passar por uma manutenção da central geradora de gás comprimido. Por isso as gestantes devem procurar uma das cinco maternidades que estarão em funcionamento. ●